

# OURIVES TITULARES NO PORTO OITOCENTISTA

## GOLDSMITHING IN 19<sup>TH</sup> CENTURY PORTO

### Resumen

No Porto do século XIX assinalamos dois antigos ourives que receberam títulos nobiliárquicos após abandonarem o negócio de ourivesaria. O barão da Ermida (1809-1872), no Porto, e o visconde de Lascasas (1822-1876), no Rio de Janeiro, tiveram loja de ourivesaria, tendo este último regressado à cidade do Porto. A sua trajectória pessoal, que será apresentada, evidencia como foi possível, no Portugal Liberal, que antigos ourives, depois proprietários e negociantes, recebessem títulos de nobreza.

### Palabras clave

Barão, Ourivesaria, Porto, Rio de Janeiro, Visconde.

### Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

Universidade Católica Portuguesa, Portugal.

Professor catedrático e Presidente do Conselho Científico da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa desde 2011; investigador integrado do CITAR (EA-UCP) e seu antigo director. Académico correspondente da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Provedor da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto.

ISSN 2254-7037

Fecha de recepción: 20/IV/2022  
Fecha de revisión: 16/V/2022  
Fecha de aceptación: 17/V/2022  
Fecha de publicación: 30/X/2022

### Abstract

In Porto in the 19th century, we highlight two former goldsmiths who received noble titles after abandoning the goldsmithery business. The Baron of Ermida (1809-1872), in Porto, and the Viscount of Lascasas (1822-1876), in Rio de Janeiro, had a goldsmith shop, the latter having returned to the city of Porto. His personal trajectory, which will be presented, shows how it was possible, in Liberal Portugal, for former goldsmiths, later owners and dealers, to receive titles of nobility.

### Keywords

Baron, Goldsmithery, Porto, Rio de Janeiro, Viscount.

ORCID: 0000-0002-2718-4386

DOI: <http://dx.doi.org/10.30827/quiroga.v0i21.0002>

## OURIVES TITULARES NO PORTO OITOCENTISTA

### 1. INTRODUÇÃO

No universo da ourivesaria portuguesa e dos seus agentes encontramos, por vezes, aspectos singulares. Ao longo da nossa investigação nenhuns nos interessaram mais até ao momento do que os relativos a alguns ourives oitocentistas, à sua postura social e cultural, bem como às suas relações familiares e de amizade.

Destacá-riamos, entre outros, nomes como o do o 1.º barão da Ermida ou o 1.º visconde de Lascasas, que foram ourives, o primeiro no Porto e o segundo no Rio de Janeiro; o pai do 1.º barão de Castelo de Paiva, insigne académico e benfeitor<sup>1</sup>, era o ourives da prata Manuel José da Nóbrega<sup>2</sup>; o ourives do ouro António José de Novaes<sup>3</sup> foi pai do poeta Faustino Xavier de Novais — que também surge como ourives —, e sogro (*post mortem*) do grande poeta brasileiro Machado de Assis; ou o ourives António Moutinho de Sousa<sup>4</sup>, que foi, igualmente, poeta. E, provavelmente, mais casos haverá na Cidade Invicta de Oitocentos que não foram ainda revelados.

Num período de intensas relações entre o Porto e o Brasil não poderíamos deixar de as constatar, igual-



Fig. 1. Fotografia do rei D. Luís I (1838-1889), soberano que concedeu os títulos de barão da Ermida (1869) e visconde de Lascasas (1872). Fotografia: A. Bobone, Lisboa. Coleção do Autor.



*Fig. 2. Retrato do barão da Ermida, António Ferreira da Silva Brito (1809-1872). Oleo sobre tela. Coleção da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Fotografia: Armanda Canhota.*

mente, no campo da ourivesaria. A complexidade da situação política da Guerra Civil de 1832-1834 e a posterior turbulência até 1850 representaram um cenário que incentivou à busca de melhores condições de vida no Império Brasileiro. Tal conduziu à partida de muitos jovens ourives, como sucedeu com Félix Lascasas dos Santos, a que aludiremos neste artigo, ou Vicente Manuel de Moura<sup>5</sup>, o primeiro permanecendo durante muito tempo na capital do Império, tendo o segundo daí regressado após uma curta estadia.

Este artigo pretende trazer elementos biográficos sobre os dois ourives titulares, cujas mercês foram concedidas pelo rei D. Luís I, fruto da permeabilidade social do Portugal liberal<sup>6</sup>. Nesse sentido, apresentamos várias dimensões das suas vivências, num trabalho baseado em investigações que havíamos já publicado e que

agora complementamos com diversas novas pesquisas para a elaboração deste estudo.

## 2. O 1.º BARÃO DA ERMIDA, ANTÓNIO FERREIRA DA SILVA BRITO (1809-1872)

O barão da Ermida, António Ferreira da Silva Brito, nasceu e casou no universo dos ourives



*Fig.3. Pedestal armoriado com busto de gesso do barão da Ermida, António Ferreira da Silva Brito, mandado realizar por sua sobrinha, D. Ana Amália S. Araújo. Coleção da Família. Fotografia: Stefan Alves.*



*Fig 4. Retrato de D. Rita de Cássia Nogueira Soares (1797-1869), 2.ª mulher do futuro barão da Ermida, António Ferreira da Silva Brito (1809-1872). Óleo sobre tela. Coleção da família. Fotografia: Fotografia: Stefan Alves.*

do ouro portuenses. Era filho do ourives do ouro Custódio Ferreira da Silva e de sua mulher, Maria Rosa de Brito<sup>7</sup>, tendo casado com duas filhas do ourives do ouro José Joaquim Soares.

Casou 1.ª vez, em 4 de Junho de 1834, na igreja de Santo Ildefonso, com D. Clara Claudina Cândida Soares, nascida em 2 de Março de 1803<sup>8</sup> e que viria a morrer em 25 de Janeiro de 1835, sendo sepultada no Cemitério de Santo António da Porta de Carros<sup>9</sup>. Era filha do ourives do ouro José Joaquim Soares e de sua mulher, D. Maria Benta de Jesus, que foram pais de uma prole que deu ourives e mulheres de ourives. Era o barão, por suas duas mulheres, cunhado do ourives do ouro António José Soares e Silva<sup>10</sup> e, provavelmente, de Eduardo José Soares e Silva<sup>11</sup>. Era, ainda, cunhado dos mestres aurífices Bernardo Cardoso de Cáceres, casado com uma sua irmã<sup>12</sup>, e João José da Silva, cônjuge de uma sua cunhada<sup>13</sup>. Este sistema apertado de relações

familiares existiu noutros diversos casos, como verificámos também para o século XVIII<sup>14</sup>.

A 12 de Outubro de 1837<sup>15</sup> viria a casar com sua cunhada, D. Rita de Cássia Nogueira Soares, irmã da sua primeira mulher, que nascera a 23 de Março de 1797<sup>16</sup>, sendo, portanto, 12 anos mais velha que o ourives. A 11 de Março de 1841 veria a luz do dia no Porto o seu filho António, mais tarde feito 1.º visconde da Ermida<sup>17</sup>, sendo os pais moradores na Rua das Flores<sup>18</sup>. De D. Rita sabe-se que foi herdeira de seu irmão, o já referido António José Soares e Silva<sup>19</sup>, vindo a morrer às 3 horas da tarde de 30 de Agosto de 1869. Residia na Rua das Flores, n.º 107, indo a sepultar ao Cemitério do Prado do Repouso<sup>20</sup>.

Foi examinado como ourives do ouro em 11 de Junho de 1830, pelos juízes do ofício, Bernardino da Silva Leal e Bernardo Cardoso de Cáceres (que viria, aliás, a ser seu cunhado<sup>21</sup>). Nas eleições de 30 de Junho de 1832, na Confraria de Santo Elói dos Ourives do Ouro, sendo indicado para mordomo, conjuntamente com outros cinco mestres. Enquanto negociante de ourivesaria teve o estabelecimento na Rua das Flores, n.º 53<sup>22</sup>. O de seu cunhado António José Soares e Silva localizara-se na Rua das Flores, n.º 55<sup>23</sup>.

Regista-se que teve pelo menos dois aprendizes, vindo ele próprio, mais tarde, a ser proposto como aprendiz do ensaiador do ouro, Cosme Martins da Cruz Júnior, numa lista composta por três nomes. O objectivo era substituir neste lugar o falecido António José Soares Silva — seu cunhado —, tendo o futuro barão da Ermida sido o escolhido pela edilidade em vereação de 25 de Outubro de 1855<sup>24</sup>. Cinco anos depois, através de carta de 18 de Setembro de 1860 enviada ao dito ensaiador, Brito informa que, tendo trespassado o seu estabelecimento de ourivesaria e deixa de exercer o ofício de ourives do ouro, resignava ao lugar de aprendiz do ofício. O ensaiador comunicou este facto à Câmara Municipal a 26 desse mês, tendo a edilidade decidido, a 27, a sua subs-

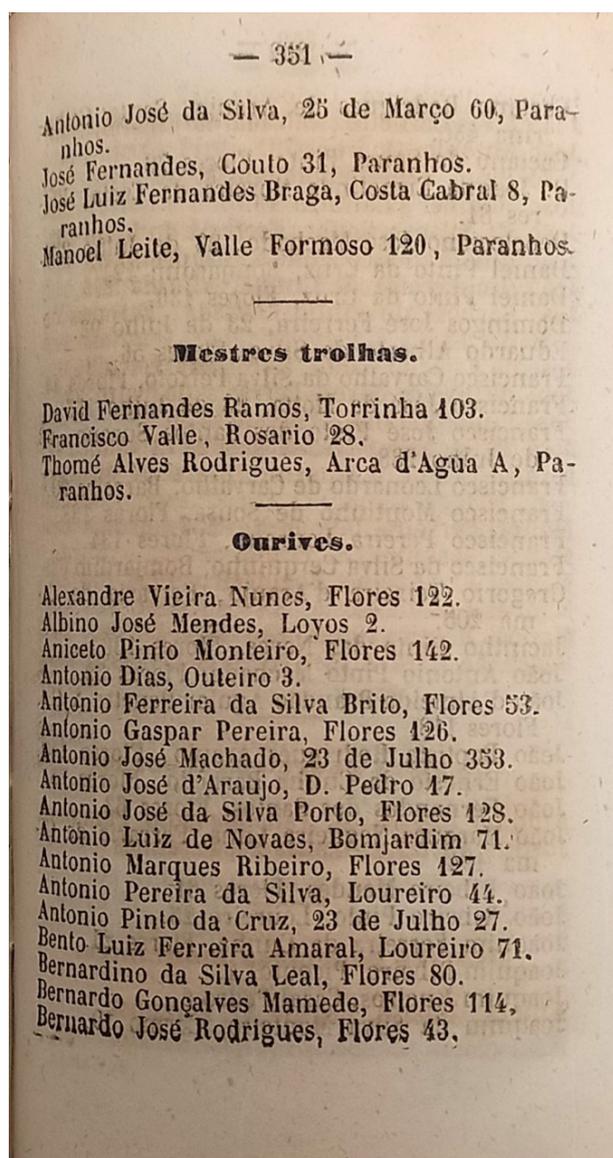


Fig. 5. Fac-símile do *Almanaque (...) do Porto e seu Distrito, para 1857*, com a indicação, na secção dos ourives, de *António Ferreira da Silva Brito, na Rua das Flores, n.º 53* (pág. 351).

tituição por José Aniceto Pinto Monteiro, o que foi comunicado ao dito Cosme Martins da Cruz Júnior por carta de 28 de Setembro<sup>25</sup>.

António Ferreira da Silva Brito também integrou listas políticas. Nas eleições para a Câmara Municipal do Porto de 28 de Dezembro de 1867 surgiu integrado na “Lista protegida pela Auto-

ridade”, em oposição à então lista da municipalidade, conforme noticia o *Jornal do Porto*<sup>26</sup>, perdendo, contudo, este acto eleitoral<sup>27</sup>. Viria a ser vereador da edilidade no mandato de António Vieira de Magalhães, barão e visconde de Alpendurada, como presidente<sup>28</sup>.

O processo de ascensão deste antigo ourives começa com a concessão do grau de Comendador da Ordem Militar de Cristo, em 6 de Março de 1867<sup>29</sup>, e, dois anos depois, do de Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, em 23 de Março de 1869<sup>30</sup>. Nesse ano, a 13 de Maio de 1869, é feito Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, sendo secundado por seu filho homónimo a 28 desse mês. Teve, ainda, a concessão de carta de brasão de armas, em 26 de Maio de 1869<sup>31</sup>, observáveis numa chapa de cobre propriedade dos seus descendentes<sup>32</sup>. A 4 de Outubro de 1871, menos de um ano antes de morrer, foi feito barão da Ermida em sua vida<sup>33</sup>.

Os atributos e símbolos de todas estas honrarias foram utilizados na pintura do seu retrato, existente no espólio da Santa Casa da Misericórdia do Porto<sup>34</sup>: a farda de FCCR, as comendas de Cristo e Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e até aquilo que parece ser um anel de armas, que ostenta na sua mão esquerda.

O barão da Ermida, que não deixou testamento — tinha apenas um filho, recorde-se —, morreu a 1 de Agosto de 1872<sup>35</sup> na Rua da Bela Vista, n.º 42, na freguesia da Foz do Douro, arrabaldes do Porto, para onde se deslocavam muitas das elites portuenses a passar a época estival<sup>36</sup>. Viria a ser sepultado no Cemitério do Prado do Repouso<sup>37</sup>, onde ainda hoje existe uma capela de mármore que alberga os restos mortais de membros da sua família, na Secção Privativa da Santa casa da Misericórdia do Porto<sup>38</sup>.

Nesses últimos tempos já não havia mais a menção ao ofício de ourives com que iniciara a sua vida, sendo referenciado como negociante/comerciante



*Fig. 6. Chapa de cobre com as armas gravadas concedidas, em 26 de Maio de 1869, ao futuro barão da Ermida: escudo esquartelado: 1.º Brito; 2.º Silva; 3.º Pinto; 4.º Ferreira; diferença: brica com besante. Pendentes, as cruzes das ordens de Cristo e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Coleção da Família. Fotografia: Stefan Alves.*

da Praça do Porto e proprietário. O titular é designado, na imprensa, como “um dos capitalistas abastados d’esta cidade e muito estimado pelas qualidades moraes que o distinguem”<sup>39</sup>.

### 3. O VISCONDE DE LASCASAS, FÉLIX LASCASAS DOS SANTOS (1822-1876)

Félix Lascasas dos Santos nasceu no lugar de Covilhã, na freguesia de São Pedro da Cova, Gon-

domar, em 30 de Julho de 1822, filho de José António Martin Lascasas e de sua mulher, Joaquina Rosa dos Santos<sup>40</sup>, cuja outra geração ainda hoje perpetua esses apelidos na região do Grande Porto. Seu pai morreu logo no ano seguinte e sua mãe fica com diversos filhos a cargo<sup>41</sup>. Nesta família Lascasas dos Santos regista-se a existência de vários ourives com marca<sup>42</sup>.

Partiu para o Brasil provavelmente na década de 40, antes de 1844, pois casou na freguesia de Nossa Senhora da Candelária, no Rio de Janeiro, às 5 horas da tarde do dia 23 de Março de 1844, no oratório das casas do cônego Alberto da Cunha Barbosa, com Josefina Rosa, natural da freguesia de Santo Ildefonso, filha de João Ferreira da Mota, já então falecido, e de sua mulher, Joaquina Rosa<sup>43</sup>.

No Rio de Janeiro veio a ser proprietário de uma loja na Rua dos Ourives, n.º 87<sup>44</sup>. Chega a ser procurador do seu conterrâneo, António Lourenço Correia (1828-1879)<sup>45</sup>, pois encontramos diversas facturas que o confirmam, conservadas no arquivo da Casa de Chão Verde, em Rio Tinto<sup>46</sup>.

O seu nome surge no célebre Almanaque Laemmert, do Rio de Janeiro, referenciado entre os ourives, a partir da edição de 1856 e até à de 1859 como Félix Lascasas dos Santos<sup>47</sup>, sendo que a partir do de 1860 e até ao de 1865, inclusive, aparece como Félix Lascasas dos Santos & C.<sup>48</sup>, sempre com loja naquele número do dito arruamento dos ourives. Há, contudo, facturas de anos anteriores que o indicam já como ourives. No cabeçalho destes documentos afirma-se que “Tem sempre um completo sortimento de obras de Prata, Joias de Ouro, e com Diamantes, e Brilhantes, de gostos modernos, e boas qualidades, (tudo afiançado), também as compra servidas em qualquer estado, e as recebe em troca”. Deste modo, e seguindo a prática das casas de ourivesaria do seu tempo, Felix Lascasas vendia peças de ourivesaria, mas também as



Fig. 7. Capela funerária de granito com pedra de armas de mármore da família do barão da Ermida, na Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, no cemitério do Prado do Repouso. Fotografia: Ana Luísa Pinto.

comprava e recebia outras em troca, sendo que provavelmente nessas actividades ganharia bom dinheiro.

Por volta de 1860 já estaria em Portugal e na cidade do Porto, segundo elementos revelados por Serafim Gesta<sup>49</sup>. Na Cidade Invicta, este antigo ourives foi um dos directores da Associação Comercial do Porto, sendo indicado como morador na Rua de Santa Catarina, n.º 55<sup>50</sup>. Ocupou, ainda, o lugar de Presidente da Assembleia Geral do Banco Aliança<sup>51</sup>.

Félix Lascasas dos Santos é feito Comendador da Ordem de Cristo, em 6 de Abril de 1866,

atendendo “às suas circunstancias e como testemunho de apreço e reconhecimento pelo valioso auxilio com que contribuiu para a conclusão e solemne inauguração do monumento erigido na praça da Batalha da cidade do Porto á memoria de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, de saudosissima recordação”<sup>52</sup>.

A sua acção mais relevante em Portugal desenvolveu-se, no entanto, na ligação ao Asilo Portuense de Mendicidade, de que foi adjunto do provedor, o barão de Nova Sintra<sup>53</sup>, tendo sido nomeado, depois da morte deste<sup>54</sup>, provedor desta instituição de bem-fazer, em 6 de Dezembro de 1870<sup>55</sup>.

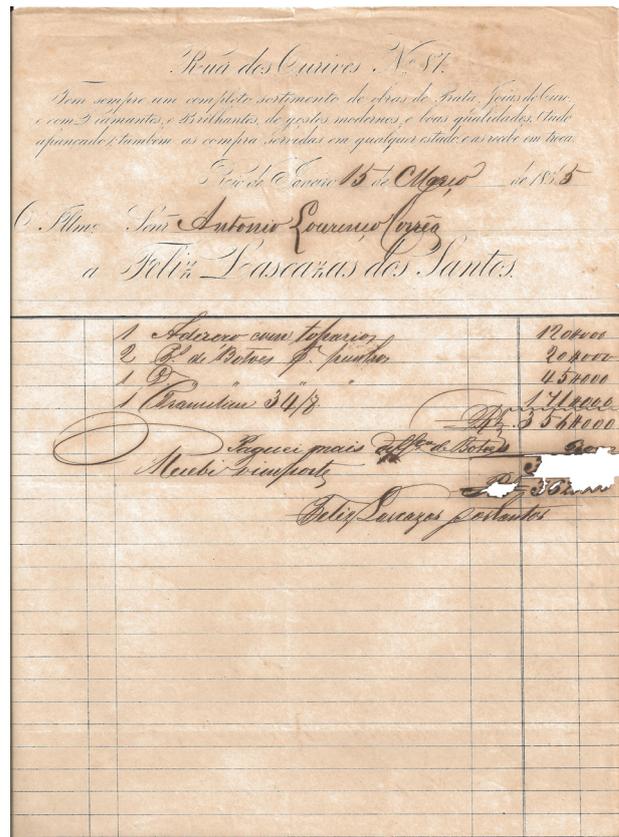


Fig. 8. Factura-recibo do ourives Félix Lascasas dos Santos com loja na Rua dos Ourives, n.º 87, no Rio de Janeiro, datada de 1855. Arquivo de Família da Casa de Chão Verde, Rio Tinto.

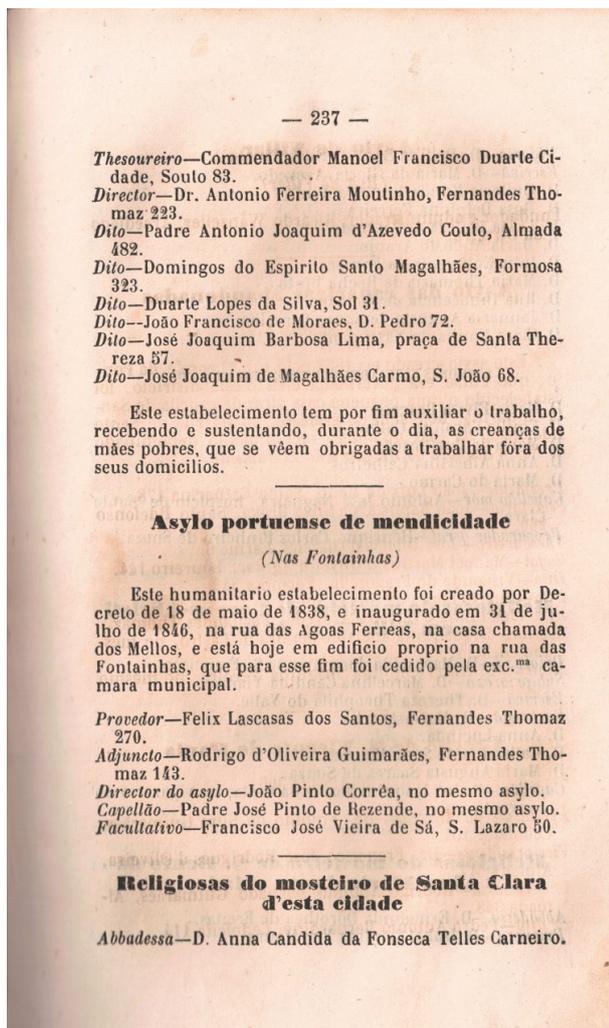


Fig. 9. Fac-símile do *Almanaque (...) do Porto e seu Districto, para 1872*, com a indicação de que o visconde de Lascasas é o provedor do Asylo Portuense de Mendicidade (pág. 237).

Em 1872, por decreto de 1 de Agosto<sup>56</sup>, o rei D. Luís I outorgou-lhe o título de visconde de Lascasas, em sua vida. Neste documento evidencia-se, sobretudo, a ligação do antigo ourives ao mencionado Asylo Portuense de Mendicidade<sup>57</sup>.

Félix Lascasas dos Santos teve um final de vida algo agitado, pois divorciou-se de sua mulher, numa tipologia processual rara, àquele tempo, no Porto, e que, após auscultação do Conselho de Família, foi levado adiante. Em 28 de Julho de

1875, sendo residente na Rua Fernandes Tomás, obteve um acordo com a viscondessa para uma partilha amigável de bens<sup>58</sup>, tendo-se feito representar na escritura por seu solicitador, Valentim Vieira Gomes<sup>59</sup>. Em casa da viscondessa, na Rua da Torrinha, n.º 68, D. Josefina Rosa e o representante de seu marido estabeleceram que a titular ficaria com um conjunto de jóias<sup>60</sup>, duas moradas de casas, uma na Rua de Belomonte e outra na Rua de Camões, no Porto, inscrições de assentamento da Junta de Crédito Público, no valor de 6:300\$000 réis, e a pensão vitalícia de 50\$000 réis mensais.

Meses mais tarde, em 22 de Setembro de 1875, o visconde elaborou o seu testamento — complementado por uma carta de 24 desse mesmo mês e ano —, que foi aprovado no dito dia 22<sup>61</sup>. Nele privilegiou diversos membros da sua família, estabelecendo numerosos legados a favor de amigos e de instituições, designadamente o Asilo Portuense de Mendicidade e a Associação Benéfica dos Ourives do Porto<sup>62</sup>.

O visconde morrera a 1 de Fevereiro de 1876, com 63 anos, e o *Jornal do Porto*, de 2 de Fevereiro, noticiava que “Succumbiu hontem, ao cabo de prolongados padecimentos, o snr. visconde de Lascasas, abastado capitalista d'esta cidade./ O finado exerceu o cargo de provedor do Asylo Portuense de Mendicidade e ás suas activas diligencias e valiosos esforços se deve o estado de prosperidade e os notaveis melhoramentos realizados em tão utilissimo estabelecimento (...)”. Os officios realizaram-se nesse dia à noite na Igreja da Trindade<sup>63</sup>.

Os restos mortais deste titular encontram-se numa urna funerária de mármore de grandes dimensões, com gradeamento de ferro, situada na Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, no cemitério do Prado do Repouso, e que foi executada pela oficina de António de Almeida Costa & C.<sup>a</sup>, na Rua do Laranjal<sup>64</sup>, uma das mais activas e relevantes do Porto do último terço de Oitocentos.



*Fig. 10. Jazigo com urna funerária do visconde de Lascasas (1822-1876), na Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, no cemitério do Prado do Repouso. Fotografia: Ana Luísa Pinto.*

A viscondessa morreria na Rua de Malmerendas, n.º 32, a 23 de Outubro desse mesmo ano de 1876<sup>65</sup>. A sua morte foi noticiada pelo “Jornal do Porto”<sup>66</sup>, indicando aspectos do seu testamento, em que deixou herdeira sua irmã, D. Maria, a residir no Rio de Janeiro. Estabelece vários legados a

peças da sua família e da de seu marido, bem como a instituições religiosas e de beneficência. Os testamenteiros eram amigos do visconde, António Lourenço Correia e Domingos do Espírito Santo Magalhães, apesar de haver ainda outros<sup>67</sup>.

#### 4. NOTAS FINAIS

O barão da Ermida e o visconde de Lascasas, figuras do Porto do terceiro quartel de Oitocentos, constituem um exemplo da possibilidade que esta centúria e o regime liberal criaram de promover uma evolução social, demonstrando como dois ourives poderiam ascender à nobreza titular.

Diversos factores unem os dois biografados deste estudo: os dois titulares foram ourives e viveram, pelo menos em parte das suas vidas, na cidade do Porto; ambos os respectivos títulos foram concedidos pelo rei D. Luís I; e os seus restos mortais encontram-se na Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, no cemitério do Prado do Repouso. A separá-los, para além de terem desenvolvido as suas actividades de ourives em cidades diferentes, pertenceram a gerações distintas, já que Ermida nasceu em 1809 e Lascasas em 1822.

Os elementos que aqui publicamos, entre diversos aspectos biográficos e outros iconográficos, constituirão um ponto de partida para que seja possível um dia aprofundar o conhecimento de ambas as figuras, através de várias dimensões das suas vidas. E, por entre diversos pormenores revelados, dão-se contributos para um melhor conhecimento da ourivesaria do Porto e do Rio de Janeiro no século XIX.

#### NOTAS

<sup>1</sup>PINTO, Albano da Silveira y BAENA, visconde de Sanches de. *Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal*. 2.ª ed. [S.l.: Fernando Santos, Luís Wenceslau Barroso, Rodrigo Faria de Castro], 1991, vol. 1, págs. 412-413.

<sup>2</sup>SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos E. *Dicionário de ourives e lavrantes de prata do Porto: 1750-1825*. Vol. 1. Porto: Livraria Civilização Editora, 2005, págs. 299-302.

<sup>3</sup>SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos E. *Dicionário dos ourives do ouro, cravadores e lapidários do Porto e de Gondomar (1700-1850)*. Vol. 2. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012, pág. 1178.

<sup>4</sup>Filho do também ourives Francisco Moutinho de Sousa (*Ibidem*, Vol. 2, págs. 1847-1849) e ele próprio, António Moutinho de Sousa surge referenciado como ourives na Rua das Flores, n.º 271 (vd., por ex., SOUSA, José Lourenço de. *Almanak do Porto e seu districto para o anno de 1870*. Porto: Imprensa Popular de J. L. de Sousa, 1869, pág. 240).

<sup>5</sup>BASTO, A. de Magalhães. “Breve História da casa José Rosas & C.ª”. Em: *José Rosas & C.ª Ourives Joalheiros Porto 1851-1951*. [S.l.]: Porto, (s.d.), pág. 17. A data do seu passaporte de ida para o Brasil foi apresentada in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos E. *Tesouros privados: a joalheria na região do Porto (1865-1879)*. Vol. 1. Porto: UCE-Porto, CIONP, CITAR, 2012, pág. 21.

<sup>6</sup>VASCONCELOS, Francisco de. *A nobreza do século XIX em Portugal*. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, 2003.

<sup>7</sup>SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *Dicionário dos ourives do ouro...* Op. cit., Vol. 2, págs. 1704-1706.

<sup>8</sup>Vd. alguns elementos biográficos in *Ibidem*, Vol. 1, pág. 269.

<sup>9</sup>Arquivo Distrital do Porto (ADP), Registos Paroquiais, Freguesia da Sé (Porto), L.º 9-Óbitos, fol. 194.

<sup>10</sup>Este ourives viria a morrer em 7 de Setembro de 1855, como se depreende do texto de abertura do seu testamento [Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP), Registo Geral de Testamentos, cota: PT-CMP-AM/PUB/ABOC/7/RT00236, fols. 125v.-127].

<sup>11</sup>Não conseguimos uma prova segura deste facto. Sobre a localização do estabelecimento deste ourives, vd. *Almanak da cidade do Porto e Villa Nova de Gaya para o anno de 1852*. Porto: Tipografia de Faria Guimarães, 1852, pág. 101.

<sup>12</sup>Era casado com a irmã do barão, D. Joaquina Rosa. Sobre este ourives do ouro, vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *Dicionário dos ourives do ouro...* Op. cit., Vol. 1, págs. 277-278.

<sup>13</sup>ADP, Registos Paroquiais, Freguesia da Sé (Porto), L.º 36-Baptismos, fol. 174v.

<sup>14</sup>SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *A joalheria no Porto ao tempo dos Almada*. Porto: CITAR, 2008, págs. 60-65; SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *A ourivesaria da prata em Portugal e os mestres portuenses: História e sociabilidade (1750-1810)*. Porto: Ed. do Autor, 2004, págs. 264-279.

<sup>15</sup>ADP, Registos Paroquiais, Freguesia da Sé (Porto), L.º 12-Mistos, fol. s/n.º e v.

<sup>16</sup>ADP, Registos Paroquiais, Freguesia da Sé (Porto), L.º 30-Baptismos, fol. 235.

<sup>17</sup>PINTO, Albano da Silveira y BAENA, visconde de Sanches de. *Resenha das famílias titulares...* Op. cit., Vol. 1, pág. 527.

<sup>18</sup>ADP, Registos Paroquiais, Freguesia da Sé (Porto), L.º 13-Mistos, fol. 123v.

<sup>19</sup>AHMP, Registo Geral de Testamentos, cota: *Registo Geral de Testamentos*, cota: PT-CMP-AM/PUB/ABOC/7/RT00236, fol. 126v.

<sup>20</sup>ADP, Registos Paroquiais, Freguesia da Sé (Porto), Óbitos de 1869, fol. 51v., assento n.º 202.

<sup>21</sup>Morre logo em 6 de Fevereiro de 1831. ADP, Registos Paroquiais, Freguesia de Santo Ildefonso (Porto), L.º 11-Óbitos, fol. 208.

<sup>22</sup>SOUSA, José Lourenço de. *Almanak commercial, fabril, judicial, administrativo, ecclesiastico e militar para 1857*. Porto: Tipografia de J. L. de Sousa, 1856, pág. 351.

<sup>23</sup>Vd., por exemplo, *Almanak da cidade do Porto e Villa Nova de Gaya para o anno de 1852*. Porto: Tipografia de Faria Guimarães, 1852, pág. 100.

<sup>24</sup>SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *Dicionário dos ourives do ouro...* Op. cit., Vol. 1, págs. 269-270.

<sup>25</sup>*Ibidem*, pág. 270.

<sup>26</sup>*Jornal do Porto*. Ano 9, n.º 297 (28/12/1867), pág. 2.

<sup>27</sup>Pois foi eleita a lista liderada por Francisco Pinto Bessa. SOUSA, Fernando de (Coord.). *Os presidentes da Câmara Municipal do Porto (1822-2009)*. Vol. 1. Porto: CEPESE, 2009, págs. 277 e ss.

<sup>28</sup>Ibidem, págs. 267 e ss.

<sup>29</sup>*Diário de Lisboa*. Ano de 1867, n.º 189 (24/08/1867), pág. 2594. Apresentado como “capitalista e antigo vereador da camara municipal do Porto”.

<sup>30</sup>*Diário do Governo*. Ano de 1869, n.º 108 (15.05.1869), pág. 611. Ai definido como “abastado capitalista da cidade do Porto – em atenção aos seus merecimentos, serviços e mais circunstancias, e como testemunho do apreço pelas valiosas provas que tem dado da sua exemplar caridade e dos beneficos sentimentos que o animam em auxilio dos desvalidos”. Vd., também, FONSECA, Francisco Belard da. *A Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1955, pág. 58.

<sup>31</sup>BAENA, Visconde de Sanches de. *Archivo heraldico-genealogico*. 2.ª ed. [S.l.: Fernando Santos, Luís Wenceslau Barroso, Rodrigo Faria de Castro], 1991, pág. 46, n.º 172.

<sup>32</sup>Estas armas encontram-se presentes, igualmente, no frontão da sua capela funerária, no Cemitério do Prado do Repouso, no Porto.

<sup>33</sup>*Diário do Governo*. Ano de 1871, n.º 256 (11/11/1871), pág. 1469. No decreto é referido como Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, proprietário e capitalista da cidade do Porto.

<sup>34</sup>Para além deste retrato existente no acervo da Santa Casa da Misericórdia do Porto, registamos um outro na Venerável Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade do Porto. O exemplar da Misericórdia, reproduzido neste artigo, foi publicado in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. “A joalheria no retrato masculino e feminino em Portugal no século XIX”. Em: SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos E. (Coord.). *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria*. Porto: CITAR, 2009, págs. 238-239.

<sup>35</sup>ADP, Registos Paroquiais, Freguesia da Foz do Douro (Porto), Óbitos de 1872, fol. 14v. (assento 52) e fol. 16v. (assento 60).

<sup>36</sup>PIMENTEL, Alberto. *O Porto há trinta anos*. 2.ª ed. Porto: Universidade Católica Editora, 2011, págs. 165-173.

<sup>37</sup>ADP, Registos Paroquiais, Freguesia da Foz do Douro (Porto), Óbitos de 1872, fol. 16v. (assento 60).

<sup>38</sup>SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *Espaço, arte e memória: O cemitério da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2010, págs. 154-155.

<sup>39</sup>*Jornal do Porto*. Ano 14, n.º 172 (02/08/1872), pág. 2. No mesmo número do periódico é publicado um anúncio pelo filho, António Ferreira da Silva Brito Júnior, convocando para os ofícios fúnebres na Igreja de Santo António dos Congregados (pág. 3).

<sup>40</sup>ADP, Registos Paroquiais. Freguesia de São Pedro da Cova (Gondomar), L.º 7-Mistos, fol. 58. Vd. a sua família publicada in GESTA (MAZOLA), Serafim. *Os alemães em São Pedro da Cova (Reese, Lascasas, Artheg, Feldner, Wlater)*. Porto: Ed. do Autor, 1980, pág. 17.

<sup>41</sup>Ibidem, pág. 19.

<sup>42</sup>Encontrámos referências a vários ourives na sua família com punções próprios. VIDAL, Manuel Gonçalves y ALMEIDA, Fernando Moitinho de. *Marcas de contrastes e ourives portuguesas*. 3.ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996. Gervásio Lascasas dos Santos, n.º 1910, vol. 1, pág. 19; Lino Lascasas dos Santos, registada em 1852, n.º 1928, vol. 1, pág. 197; Félix Lascasas dos Santos Sobrinho, registada em 1862 por Vicente Manuel de Moura, n.º 1940, vol. 1, pág. 198.

<sup>43</sup>Treslado do assento de casamento existente no Arquivo da Casa de Chão Verde, Rio Tinto. Por lapso, vem indicado no documento o nome da futura viscondessa como Josefa Rosa.

<sup>44</sup>Uma factura similar está publicada in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *Tesouros privados...* Op. cit., Vol. 1, pág. 65.

<sup>45</sup>Sobre esta personagem, vd. DANTAS, Pedro de Araújo. *Uma família do Porto: Descendência de Manuel Alves Corrêa e de sua mulher Quitéria Martins Vieira, Proprietários no lugar de Tardinhade em Salvador de Fânzeres*. Lisboa: Guimaraes Editores, 1998, págs. 26-36.

<sup>46</sup>Agradecemos a Pedro Sá a amabilidade do fornecimento de certas informações e do acesso a este magnífico arquivo, e voltaremos em breve a esta personagem tão curiosa que foi António Lourenço Correia.

<sup>47</sup>*Almanak administrativo mercantil e industrial da corte e provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1856 fundado por Eduardo von Laemmert*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1856, pág. 661. No almanaque de 1857, pág. 661; no de 1858, pág. 667; e no 1859, pág. 708.

<sup>48</sup>HARING, Carlos Guilherme. *Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1860 fundado por Eduardo von Laemmert*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1860, pág. 726; no de 1861, pág. 651; no de 1862, pág. 668, no de 1863, pág. 665; no de 1864, pág. 680; no de 1865, pág. 661. Já não surge referenciado no almanaque de 1866.

<sup>49</sup>GESTA (MAZOLA), Serafim. *Os alemães em São Pedro da Cova...* Op. cit., pág. 42.

<sup>50</sup>SOUSA, José Lourenço de. *Almanak do Porto e seu districto para o anno de 1870...* Op. cit., pág. 102.

<sup>51</sup>CARVALHO, Mattos y PAIVA, Vieira. *Almanak do Porto e seu districto para 1874*. Porto: Imprensa Popular de Mattos Carvalho & Vieira Paiva, 1873, pág. 173.

<sup>52</sup>*Diário de Lisboa*. Ano de 1866, n.º 87 (17/04/1866), pág. 1.

<sup>53</sup>Assim surge em 1870, indicando-se que morava na Rua de Santa Catarina, n.º 49. SOUSA, José Lourenço de. *Almanak do Porto e seu districto para o anno de 1870*. op. cit., pág. 161.

<sup>54</sup>Morreu em 3 de Junho de 1870, na Praça da Batalha, n.º 13, freguesia de Santo Ildefonso, Porto. ADP, Registos Paroquiais, Freguesia de Santo Ildefonso (Porto), L.º de óbitos de 1870, fol. 66, n.º 262 (rectificando o assento da fol. 43, n.º 166, que dizia que o titular morrera em 4 de Junho de 1870).

<sup>55</sup>*Diário do Governo*. Ano de 1870, n.º 278 (09/12/1870), pág. 1629.

<sup>56</sup>*Diário do Governo*. Ano de 1872, n.º 173 (05.08.1872), pág. 1857, onde vem indicado: “Attendendo aos merecimentos e qualidades que concorrem na pessoa de Felix Lascasas dos Santos, provedor do asylo de mendicidade da cidade do Porto; e querendo dar-lhe um publico testemunho da minha real consideração e apreço pelos serviços que tem prestado áquelle estabelecimento de caridade: hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de visconde de Lascasas, em sua vida”. GESTA (MAZOLA), Serafim. *Os alemães em São Pedro da Cova...* Op. cit., pág. 47; PINTO, Albano da Silveira y BAENA, visconde de Sanches de. *Resenha das famílias titulares...* Op. cit., Vol. 2, pág. 81. Esta obra apenas possui esta informação relevante sobre o titular.

<sup>57</sup>ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (Dir.). *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Representações Zairol, 1984, Vol. 2, pág. 677.

<sup>58</sup>ADP, Secção Notarial, 5.º cartório notarial do Porto, cota: PT/ADPRT/NOT/CNPRT05/001/0031, fols. 11-12.

<sup>59</sup>Referenciado por GESTA (MAZOLA), Serafim. *Os alemães em São Pedro da Cova...* Op. cit., pág. 47.

<sup>60</sup>ADP, Secção Notarial, 5.º cartório notarial do Porto, cota: PT/ADPRT/NOT/CNPRT05/001/0031, fol. 11v.

<sup>61</sup>AHMP, Registo Geral de Testamentos, cota: PT-CMP-AM/PUB/ABOR/8/RT11133., fols. 8-12v.

<sup>62</sup>Das disposições deste testamento foi dada notícia no *Jornal do Porto* de 4 e 5 de Fevereiro de 1876. *Jornal do Porto*. Ano 18, n.º 27 (04/02/1876), pág. 2; *Jornal do Porto*. Ano 18, n.º 28 (05/02/1876), págs. 1-2. Vd. a menção às disposições testamentários in GESTA (MAZOLA), Serafim. *Os alemães em São Pedro da Cova...* Op. cit., págs. 48-50.

<sup>63</sup>*Jornal do Porto*. Ano 18, n.º 26 (02/02/1876), pág. 2 (citação) e 3 (anúncio dos officios fúnebres).

<sup>64</sup>SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. *Espaço, arte e memória...* Op. cit., págs. 118-121.

<sup>65</sup>ADP, Registos Paroquiais, Freguesia de Santo Ildefonso (Porto), Óbitos de 1876, fol. 91v., assento n.º 363.

<sup>66</sup>*Jornal do Porto*. Ano 18, n.º 244 (25/10/1876), pág. 1.

<sup>67</sup>AHMP, Registo Geral de Testamentos, cota: PT-CMP-AM/PUB/ABOR/8/RT13046, fols. 32-34v.